

XI

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM A CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA ATENÇÃO PRIMÁRIA: REVISÃO DE LITERATURA

Dayana Caribé Vilas Bôas Alves²⁸

Jaiâne Santos de Almeida²⁹

Marcos Silva Oliveira³⁰

RESUMO

Este artigo tem como objetivo revisar a literatura científica sobre a assistência de enfermagem a crianças com autismo na atenção primária, destacando as melhores práticas e os desafios encontrados. Foi realizada uma revisão sistemática da literatura nas bases eletrônicas da BVS, incluindo SciELO e LILACS. Foram selecionados artigos publicados nos últimos dez anos que abordam estratégias de cuidado, intervenções de enfermagem e experiências de profissionais na assistência a crianças com autismo. Os resultados evidenciam a importância da capacitação dos profissionais para a abordagem adequada dessas crianças, a necessidade de adaptação dos serviços de saúde para atender às demandas específicas desse público e a relevância da integração multiprofissional, especialmente na atenção primária. Conclui-se que a assistência de enfermagem a crianças com autismo na atenção primária requer uma abordagem holística, centrada na criança e na família, com foco na promoção da saúde, prevenção de complicações e melhoria da qualidade de vida. A capacitação contínua dos profissionais e a integração dos serviços de saúde são essenciais para garantir um cuidado eficaz e humanizado a essa população.

Palavras-chave: Enfermagem. Transtorno do Espectro Autista. Atenção Primária à Saúde. Capacitação profissional. Integração multiprofissional.

ABSTRACT

This article aims to review the scientific literature on nursing care for children with autism in primary care, highlighting best practices and the challenges encountered. A systematic literature review was conducted using electronic databases from BVS, including SciELO and LILACS. Articles published in the last ten years addressing care strategies, nursing interventions, and professionals' experiences in assisting children with autism were selected. The results emphasize the importance of training professionals for the appropriate approach to these children, the need to adapt health services to meet the specific demands of this population, and the relevance of multiprofessional integration, especially in primary care. It is concluded that nursing care for children with autism in primary care requires a holistic approach centered on the child and family, focusing on health promotion, prevention of complications, and quality of life improvement. Continuous professional training and health service integration are essential to ensure effective and humane care for this population.

Keywords: Nursing. Autism Spectrum Disorder. Primary Health Care. Professional Training. Multiprofessional Integration.

1 INTRODUÇÃO

²⁸ Fisioterapeuta / Mestre em Saúde Coletiva (UEFS). Docente da Faculdade Regional de Riachão do Jacuípe. Diretora da Atenção Especializada da Secretaria Municipal de Capim Grosso - BA.

²⁹ Pós-graduada em Saúde Pública e ESF. Formada pela faculdade Regional do Jacuípe.

³⁰ Coordenador de enfermagem da SMS de São José Do Jacuípe. Formado pela Faculdade Regional do Jacuípe e atualmente

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um grupo de distúrbios do desenvolvimento neurológico de início precoce, caracterizado pelo comprometimento das habilidades sociais e de comunicação, além de comportamentos estereotipados. Embora definido por esses sinais e sintomas principais, o perfil dos pacientes com TEA pode variar amplamente, abrangendo desde indivíduos com deficiência intelectual (DI) grave e baixo desempenho em habilidades comportamentais adaptativas até aqueles com quociente de inteligência (QI) normal, que levam vida independente. Esses indivíduos também podem apresentar diversas comorbidades, como hiperatividade, distúrbios do sono, gastrointestinais e epilepsia (Oliveira et al., 2017).

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) apresenta diferentes níveis relacionados à gravidade do quadro, classificados em: a) Nível I – na ausência de apoio, há prejuízo social notável, dificuldades para iniciar interações, e por vezes, aparente interesse reduzido nessas; ocorrem tentativas malsucedidas de contato social, além de dificuldades na organização, planejamento e certa inflexibilidade comportamental; b) Nível II – exige apoio substancial, havendo prejuízos sociais evidentes, limitações para iniciar e manter interações, inflexibilidade comportamental e dificuldade para lidar com mudanças; c) Nível III – requer apoio muito substancial, caracterizando déficits graves nas habilidades de comunicação social, inflexibilidade comportamental e extrema dificuldade com mudanças. Assim, quanto menor o grau de comprometimento, melhor tende a ser o prognóstico do paciente.

No entanto, a Classificação Internacional de Doenças (CID-11) considera de forma mais clara a deficiência intelectual e a linguagem funcional, enquadrando os diagnósticos conforme o nível de prejuízo nessas habilidades cognitivas (Fernandes et al., 2020). No Brasil, profissionais da saúde, da educação, pais e familiares são atores fundamentais na garantia dos direitos das pessoas com TEA, por meio de uma política específica. A Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, instituída pela Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, assegura o direito à vida digna, integridade física e moral, livre desenvolvimento da personalidade, segurança, lazer e proteção contra qualquer forma de abuso e exploração (Brasil, 2012).

Indivíduos com TEA podem apresentar interesses restritos, dificuldade para

compreender abstrações, comportamentos estereotipados ou repetitivos, além de alterações no processamento sensorial. De acordo com o Centers for Disease Control and Prevention (CDC), o autismo afeta 1 a cada 54 nascimentos nos Estados Unidos, sendo quatro vezes mais frequente no sexo masculino (Matthew et al., 2016).

No que tange à assistência às crianças com TEA no Brasil, destaca-se o protagonismo do Sistema Único de Saúde (SUS), que possui papel integrador e universal. Esse sistema público divide-se em redes de atenção e níveis diferentes de complexidade, tendo a Atenção Primária como ordenadora do cuidado. A Atenção Primária à Saúde (APS), foco deste estudo, é o primeiro nível de atenção e caracteriza-se por um conjunto de ações individuais e coletivas que abrangem promoção e proteção da saúde, prevenção de agravos, diagnóstico, tratamento, reabilitação, redução de danos e manutenção da saúde, visando desenvolver uma atenção integral que impacte positivamente a situação de saúde das coletividades (Brasil, 2023).

A Atenção Primária é a principal porta de entrada do SUS e o centro de comunicação com toda a rede de atenção, devendo se orientar pelos princípios da universalidade, acessibilidade, continuidade do cuidado, integralidade da atenção, responsabilização, humanização, equidade e vínculo. Assim, a APS funciona como um filtro que organiza o fluxo dos serviços nas redes de saúde, dos mais simples aos mais complexos (Brasil, 2023).

O enfermeiro é um profissional essencial para a organização e cuidado no SUS, sendo responsável por assistir, orientar, conduzir suas tarefas, dimensionar recursos humanos e gerenciar conflitos. Nesse contexto, também atua como gestor de pessoas, articulando o trabalho dos demais profissionais da Estratégia Saúde da Família (ESF) (Lopes et al., 2020). A atuação do enfermeiro na APS vem se configurando como instrumento de mudança nas práticas de atenção à saúde, respondendo à proposta do novo modelo assistencial que não se centra apenas na clínica e cura, mas na integralidade do cuidado, na intervenção frente aos fatores de risco, prevenção de doenças, promoção da saúde e qualidade de vida (Ferreira et al., 2017).

No que se refere à assistência de enfermagem às crianças com TEA, o enfermeiro contribui significativamente no diagnóstico, pois, por meio da consulta, faz o primeiro contato com o paciente, possibilitando a triagem e identificação dos

sinais e sintomas do transtorno. Sua atuação junto à criança autista e à família é fundamental, pois exerce importante papel socializador, promovendo aceitação, compreensão, estabelecimento de limites, orientação e apoio familiar (Carniel, 2014).

O paciente diagnosticado com autismo necessita de apoio multidisciplinar para seu acompanhamento, assim como sua família. A enfermagem desempenha papel crucial na prestação desse cuidado, auxiliando na promoção do desenvolvimento da criança, ouvindo os familiares, facilitando o acesso a informações sobre o transtorno e promovendo ações que proporcionem o bem-estar do paciente e seus familiares, conectando-os aos serviços de saúde essenciais (Ebert, Lorenzini & Silva, 2015).

Este artigo tem como pergunta norteadora: Como se dá a atuação da enfermagem na assistência de crianças com TEA na Atenção Primária? O objetivo é elucidar, por meio da literatura científica, como é realizada a assistência de enfermagem às crianças com TEA, destacando a atuação desses profissionais na Atenção Primária e os desafios enfrentados no processo assistencial.

O presente trabalho se justifica pelo crescimento no diagnóstico de TEA. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que cerca de 1 em cada 160 crianças no mundo tenha algum transtorno do espectro autista, o que representa aproximadamente 1% da população infantil e o consequente aumento da demanda na rede pública de saúde no Brasil, tendo a Atenção Primária como espaço propício para diagnósticos precoces, vínculo e cuidado aos usuários e seus familiares. Soma-se a esse cenário a necessidade de compreender a atuação qualificada dos profissionais de enfermagem para o acolhimento e assistência às crianças com TEA, investigando se tem sido oferecido atendimento resolutivo, capaz de lidar com o comportamento atípico desses indivíduos em múltiplos ambientes, além do acolhimento às famílias, considerando que a preparação e capacidade para o atendimento ao paciente com TEA são fundamentais para o paciente, sua família, equipe de saúde e sociedade.

2 METODOLOGIA

O presente estudo fundamenta-se em uma revisão bibliográfica estruturada. Marconi e Lakatos (2006) definem a revisão bibliográfica como um procedimento

formal que envolve um método de pensamento reflexivo, requerendo tratamento científico, e que se constitui como um caminho para conhecer a realidade ou descobrir verdades parciais. A revisão bibliográfica significa muito mais do que simplesmente buscar a verdade: trata-se de encontrar respostas para questões propostas, utilizando métodos científicos.

Dessa forma, seguiram-se as seis fases da revisão integrativa propostas por Souza, Silva e Carvalho (2010). Na primeira fase, elaborou-se a pergunta norteadora: Como pode ser realizada a assistência de enfermagem a crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Atenção Primária? Esta etapa é importante, pois configura o ponto de partida do estudo.

A segunda fase refere-se à busca dos dados, definida por critérios de inclusão dos artigos científicos: artigos publicados nos idiomas português e inglês, disponíveis na íntegra, no período de 2014 a 2024, que respondessem à questão norteadora. Foram também definidos os descritores em Ciências da Saúde para a busca: *assistência de enfermagem, atenção básica, autismo infantil e atenção primária*.

A base de dados eletrônica selecionada foi a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), por contemplar as bases Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Base de Dados de Enfermagem (BDENF), Sistema Online de Busca e Análise de Literatura Médica (MEDLINE) e Scientific Electronic Library Online (SCIELO). A seleção dos artigos ocorreu inicialmente pela leitura dos títulos, seguida pela leitura dos resumos e, por fim, pela leitura completa dos textos.

A terceira fase, coleta dos dados, foi realizada a partir de um roteiro elaborado contendo informações sobre as características dos artigos selecionados, tais como: ano de publicação, área de formação dos autores e periódico de publicação. As quarta e quinta fases, análise crítica e discussão dos resultados, foram conduzidas por meio da análise de conteúdo temática, com abordagem exploratória, contextualizando as informações pertinentes em cada artigo conforme o referencial teórico e a questão norteadora.

A última fase consistiu na apresentação da revisão integrativa. Realizou-se uma leitura detalhada dos resumos para selecionar apenas os que abordavam exclusivamente a temática em questão. Foram excluídos os resumos que não tratavam do tema e os textos completos foram avaliados para verificar se cumpriam os critérios de inclusão. Os artigos selecionados compuseram o resultado final da

busca. Por fim, a análise de conteúdo dos estudos encontrados foi realizada de forma qualitativa e os dados foram organizados em uma tabela contendo as seguintes informações: Autor/Ano; Título; Objetivos; Resultados; Conclusão.

Foram encontrados 50 artigos, cujos títulos foram inicialmente lidos, tendo sido excluídos 30, dentre eles 10 por serem referências duplicadas. Os resumos dos artigos restantes foram lidos e, posteriormente, os textos completos dos artigos que abordavam a assistência de enfermagem a crianças com TEA na Atenção Primária foram selecionados. O presente estudo buscou identificar as estratégias de cuidado utilizadas pelos enfermeiros e avaliar a eficácia dessas intervenções no manejo dos sintomas e na promoção da saúde dessas crianças.

3 RESULTADOS

O corpus documental deste estudo foi constituído por 10 artigos científicos publicados no período de 2020 a 2024, sendo quatro artigos publicados em 2020, dois em 2022 e quatro em 2023. A maioria dos autores são pesquisadores das áreas de Medicina Social, Enfermagem, Neurociência e doutores em Enfermagem. Quanto aos periódicos, os artigos foram publicados nas seguintes revistas: *Revista Enfermería Global*, *Acervo Enfermagem*, *Brazilian Journal*, *Revista Pró-UniverSUS*, *Revista Eletrônica Acervo Enfermagem*, *Acta Paul Enferm*, *Research, Society and Development*, *Brazilian Journal of Development*, *Epitaya E-books*, *Revista Contemporânea* e *Revista Baiana de Saúde Pública*. Os artigos incluídos nesta revisão estão listados no corpus documental a seguir (Quadro 1).

Quadro 01 – Corpus documental da revisão integrativa, 2024.

ID	AUTORES / ANO	TÍTULO	OBJETIVOS	RESULTADOS / CONCLUSÕES
01	Magalhães, J.M. et al. 2020.	Assistência de enfermagem à criança autista: revisão integrativa.	Analizar as evidências científicas sobre a assistência de enfermagem à criança autista.	A enfermagem utiliza a empatia, visão holística e diferentes estratégias para o cuidado a criança autista, no entanto os profissionais referem dificuldades na prática clínica. As publicações sobre a temática são escassas sendo necessário o desenvolvimento de pesquisas clínicas.
02	Nascimento A. dos S. Et al. 2020.	Atuação do Enfermeiro na assistência à criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma revisão integrativa.	Apontar a assistência do profissional enfermeiro no atendimento às crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).	Reputa-se poucos artigos produzidos por enfermeiros comparado aos outros profissionais de saúde acerca do espectro autista. Observa-se uma fragilidade, baixo conhecimento e pouca capacitação necessária da equipe de enfermagem para cuidar da criança do espectro autista.
03	Souza, A. P. Et al. 2020.	Assistência de enfermagem ao portador de autismo infantil: uma revisão integrativa.	O presente estudo tem como objetivo verificar a importância da assistência de enfermagem a crianças portadoras do espectro autista.	A temática abordada ainda não recebe a devida importância, por haver não somente pouca bibliografia que aborde este tema em específico, mas o pouco investimento por parte de organizações educacionais na especialização de profissionais nesta área, o que permite um déficit no cuidado ao portador do autismo e a sua família.
04	Ribas, LB; Alves, M. 2020.	O Cuidado de Enfermagem a criança com transtorno do espectro autista: um	Descrever o cuidado de enfermagem a criança autista e analisar o cuidado de enfermagem a criança autista.	Os dados demonstram um grande déficit sobre a temática. A prática assistencial do enfermeiro frente à criança autista, ainda é um tabu para muitos profissionais, o que decorre da falta de estudos científicos que abordem o assunto. Conclui-se, que há a

		desafio no cotidiano.		necessidade de que a temática seja ministrada na graduação, a fim de que sejam produzidos estudos que capacitem os profissionais enfermeiros, proporcionando uma assistência qualificada.
05	Carvalho, R. R. C. da S. Et al. 2022.	Transtorno do Espectro Autista em Crianças: Desafios para a Enfermagem na Atenção Básica à Saúde.	Analizar como a literatura científica brasileira reporta a assistência do enfermeiro a crianças autistas no âmbito da Atenção Básica à Saúde.	O estudo permitiu constatar o papel fundamental do enfermeiro no cuidado a crianças autistas, sobretudo, frente ao desafio da ampliação do acesso e da qualidade de atenção aos indivíduos que se encontram dentro do espectro.
06	Mota et al., 2022.	Contribuições da enfermagem na assistência à criança com transtorno do espectro autista: uma revisão da literatura.	Este estudo objetivou descrever as principais contribuições da enfermagem para a prestação de cuidados à criança com transtorno do espectro autista (TEA).	O enfermeiro é importante no cuidado da criança com TEA, pois, no momento da consulta, esse profissional faz o primeiro contato com o paciente, podendo, por meio desse mecanismo, realizar a triagem e identificar precocemente os sinais e sintomas do transtorno. Nota-se que é imprescindível que a assistência prestada pela equipe de enfermagem seja acolhedora, holística e ética, a fim de transmitir segurança para a criança com TEA.
07	Jerônimo, Et al. 2023.	Assistência de enfermagem à crianças com transtorno do espectro autista.	Apreender a representação de Enfermeiros(as) sobre a assistência a crianças/adolescentes com Transtorno de Espectro	A assistência do(a) Enfermeiro(a) a crianças/adolescentes com transtorno do espectro autista demanda conhecimento para identificação e avaliações, cuidado individual, em grupos, à família/cuidadores e, para tal encontram-se dificuldades que

			Autista nos Centros de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil.	podem ser suplantadas por meio da inclusão da temática em processos de formação e de educação permanente em saúde.
08	Vieira, T. A.. Et al. 2023.	Assistência de enfermagem ao cuidado com crianças autistas: revisão integrativa.	Descrever a assistência de enfermagem prestada aos cuidados à criança autista.	Concluiu-se que existe poucas informações sobre o assunto e pouca experiência e reconhecimento dos profissionais de saúde em assistir o autismo. Para isso, há uma grande carência de atualização nos estudos e investigações que contribui no desenvolvimento e ampliação do olhar clínico da assistência de enfermagem com esses pacientes.
09	Freitas, S. C. D. Et al. 2023.	Atuação do enfermeiro da atenção primária à saúde frente à criança com transtorno do espectro autista.	O objetivo deste trabalho é identificar a atuação do enfermeiro da Atenção Primária à Saúde frente à criança com Transtorno do Espectro Autista.	A análise dos dados permitiu identificar que a atuação do enfermeiro da atenção primária à saúde tem um papel muito importante desde o diagnóstico inicial até ao acolhimento e acompanhamento familiar, porém ainda há ausência de conhecimento sobre o tema e para que a efetividade no atendimento seja relevante e necessária deve-se realizar educação continuada tanto para a sociedade quanto para os demais profissionais de saúde.
10	Simão, da S. Et al. 2023.	Assistência criança com transtorno do espectro do autismo na atenção primária à saúde.	Analizar as evidências disponíveis na literatura a respeito da assistência à criança com suspeita ou diagnóstico de TEA na atenção primária à saúde no	A partir dos resultados desta revisão pode-se afirmar que os últimos anos foram marcados por avanços nas pesquisas dos profissionais da APS sobre a compreensão da patologia, diagnóstico e possíveis intervenções para o TEA. Por fim, destaca a importância do trabalho integrado entre crianças, famílias e equipe composta por médicos, enfermeiros,

		Brasil.	psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas, entre outros.
--	--	---------	---

Fonte: Elaborado pelos autores Jaiane Almeida e Marcos Oliveira, Capim Grosso, 2024.

4 DISCUSSÃO

4.1 O transtorno do espectro Autista

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma disfunção complexa do neurodesenvolvimento, com manifestações clínicas variadas, caracterizada por prejuízos na comunicação verbal e não verbal, além de padrões restritos, repetitivos e estereotipados de comportamento, interesses e atividades, bem como dificuldades na interação social (Brasil, 2015). Segundo a American Psychiatric Association (APA, 2013), o espectro autista compreende o autismo, a síndrome de Asperger, a desintegração da infância, a síndrome de Rett e a desorganização global do desenvolvimento sem outra especificação.

Conforme a Lei no 12.764 (27 de dezembro de 2012), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresenta as seguintes características: déficit contínuo da comunicação verbal, não verbal e da relação social; dificuldade em desenvolver e preservar relações pertinentes ao seu grau de desenvolvimento; padrões restritos e frequentes de comportamentos motores ou verbais característicos ou ações sensoriais incomuns; demasiada aderência a condutas e padrões de comportamentos habituais e interesses restritos e fixos (Brasil, 2012).

O psiquiatra austríaco Leo Kanner foi o primeiro a definir o Autismo Infantil na década de 1940, inicialmente denominado como Distúrbio Autístico do Contato Afetivo (DACA). Ele o descreveu como uma condição com diversas características comportamentais específicas, incluindo dificuldades no estabelecimento de vínculos emocionais, autismo severo, comprometimentos na comunicação verbal, preservação das capacidades cognitivas, aparência física geralmente normal, comportamentos ritualizados, início precoce e maior prevalência no sexo masculino. Anteriormente, o psiquiatra suíço Eugen Bleuler já havia utilizado o termo "autismo" ao se referir a sintomas relacionados à esquizofrenia (Nascimento et al., 2020).

De acordo com a American Psychiatric Association (APA, 2013), o TEA é classificado em três níveis de gravidade, O (1) nível 1 – exige apoio: apresenta inflexibilidade comportamental, dificuldades na organização e no planejamento para alcançar autonomia; enquanto que o (2) Nível 2 – exige apoio substancial: manifesta inflexibilidade significativa, dificuldade em lidar com mudanças e comportamentos restritos e repetitivos frequentes; por fim, o (3) Nível 3 – exige apoio muito substancial: apresenta inflexibilidade intensa, extrema dificuldade para lidar com

mudanças e comportamentos restritos e repetitivos que interferem acentuadamente no funcionamento em todas as esferas da vida.

A etiologia do autismo ainda não é completamente conhecida. Trata-se de uma condição multifatorial e heterogênea, influenciada por fatores genéticos, ambientais, imunológicos e neurológicos. Diversos fatores de risco têm sido associados ao desenvolvimento do transtorno, podendo ser classificados como pré-natais, perinatais, ambientais ou mutacionais. Entre os fatores pré-natais, destacam-se a exposição a pesticidas, ao misoprostol, talidomida e inibidores seletivos da recaptação de serotonina, uso de cocaína, deficiência de ácido fólico, febre materna, doenças autoimunes, diabetes, pré-eclâmpsia e exposição intensa à poluição atmosférica. Os fatores perinatais incluem parto prematuro extremo e complicações associadas, como hemorragia intracraniana, edema cerebral, baixo índice de Apgar, convulsões e pré-eclâmpsia. Os fatores ambientais referem-se, principalmente, à idade avançada dos pais, especialmente da mãe. Já os fatores mutacionais envolvem a exposição a substâncias tóxicas, como mercúrio, cádmio, níquel e tricloroetileno (Almeida et al., 2018, apud Magalhães et al., 2020).

Estudos mais recentes indicam que os sinais do Transtorno do Espectro Autista podem surgir entre os 6 e 18 meses de idade, embora o diagnóstico definitivo geralmente ocorra apenas após os 3 anos. As manifestações clínicas tendem a se tornar mais evidentes à medida que a criança se envolve em interações sociais. Um dos primeiros sinais observáveis costuma ser o atraso no desenvolvimento da linguagem, associado a dificuldades na interação social (Carvalho et al., 2021).

4.2 Assistência de Enfermagem à crianças com TEA na atenção primária à saúde

O enfermeiro desempenha um papel fundamental no acolhimento dos usuários nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) e nas Estratégias de Saúde da Família (ESF). A consulta de enfermagem é uma prática essencial para a oferta de uma assistência à saúde mais eficaz, fundamentada em métodos científicos para identificar questões relacionadas à saúde e à doença, bem como prescrever e implementar medidas de cuidado voltadas à proteção, promoção, recuperação e reabilitação da saúde dos indivíduos (Freitas et al., 2020).

Nesse contexto, a puericultura se configura como uma abordagem indispensável para a prevenção, detecção e acompanhamento de alterações no crescimento e desenvolvimento infantil. Essa prática visa minimizar o surgimento de agravos e identificar precocemente alterações nos primeiros meses de vida. Apesar de o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) poder ser realizado até os 2 anos de idade, no Brasil, a média etária para diagnóstico ainda gira em torno dos 6 anos. Esse atraso de, no mínimo, 36 meses pode estar associado a uma maior incidência de complicações e impactar significativamente o prognóstico da criança com TEA (Sousa et al., 2022, p. 3 apud Freitas et al., 2023).

Por meio da consulta de puericultura, os profissionais da Estratégia Saúde da Família podem estreitar os vínculos entre a unidade básica de saúde e as famílias, favorecendo a implementação e o acompanhamento de intervenções que promovam o desenvolvimento infantil. Diante do aumento dos casos de autismo, torna-se imprescindível que os profissionais de saúde recebam capacitação adequada para identificar sinais de alerta, além de realizar o acompanhamento e o encaminhamento apropriado. Contudo, ainda persiste uma lacuna significativa no que se refere ao conhecimento e à formação dos profissionais quanto aos métodos de diagnóstico e à execução eficaz das intervenções.

A atenção primária à saúde, como porta de entrada do sistema, assume papel estratégico na detecção precoce e no encaminhamento para diagnóstico e tratamento. O enfermeiro, nesse cenário, exerce função essencial na identificação de sinais sugestivos de TEA, colaborando para uma assistência integral à criança e aos seus familiares. Seu trabalho envolve desde a escuta qualificada até a orientação e o suporte durante as intervenções terapêuticas, proporcionando segurança e qualidade no cuidado prestado (Jerônimo et al., 2023).

O diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista deve ser realizado preferencialmente por uma equipe interdisciplinar composta por profissionais especializados, como neuropediatras e psicólogos com experiência em distúrbios do neurodesenvolvimento. Contudo, os profissionais de enfermagem têm um papel significativo nesse processo, tanto na orientação familiar quanto no cuidado direto à criança com TEA. Segundo o Ministério da Saúde, o enfermeiro pode utilizar instrumentos de triagem para detectar sinais precoces do transtorno, como a Modified Checklist for Autism in Toddlers (M-CHAT) — um questionário com 28 perguntas de respostas "sim" ou "não", respondidas pelos responsáveis, voltado

para crianças entre 16 e 30 meses de idade. Além disso, o IRDI (Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil), composto por 31 indicadores, é uma ferramenta utilizada para identificar fatores de risco no desenvolvimento infantil (Jerônimo et al., 2023).

O programa do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF), é a primeira assistência feita pelos profissionais da saúde para a pessoa com autismo. Além disso, os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), oferece atendimento à população, realiza o acompanhamento clínico e a reinserção social dos usuários pelo acesso ao exercício dos direitos civis e fortalecimento dos laços familiares e comunitários. Entre os tipos de CAPS existentes, o Centro de Atenção Psicossocial Infanto-juvenil (CAPSi) que é um serviço para atendimento diário de crianças e adolescentes em intenso sofrimento psíquico e incapazes de manter ou criar laços sociais, os quais não se enquadram no imaginário de infância cultivado pela sociedade (Brasil, 2017).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) representa um desafio significativo para diversos profissionais de saúde, especialmente para aqueles que atuam na área da saúde mental, como psiquiatras e psicólogos. Isso se deve à diversidade de sintomas e características associadas ao transtorno, que englobam desde aspectos cognitivos até comportamentais, muitas vezes com manifestações sutis. Diante desse cenário complexo, torna-se essencial contar com profissionais qualificados para realizar um diagnóstico precoce e preciso, sobretudo diante do aumento da incidência de casos de TEA. Nesse contexto, o enfermeiro desempenha um papel fundamental como facilitador da socialização da criança autista, atuando em parceria com a família e exercendo a função de educador no processo de cuidado e adaptação às necessidades específicas da criança (Mota et al., 2022).

A criança com TEA requer cuidados específicos e atenção intensificada. A equipe de enfermagem, além de realizar seus procedimentos habituais, deve proporcionar um cuidado individualizado, com vistas à humanização do atendimento, estabelecendo vínculos que facilitem a comunicação com a criança. A demonstração de afeto e sensibilidade por parte dos profissionais favorece uma interação mais eficaz, contribuindo para a realização dos procedimentos de forma mais tranquila e promovendo o bem-estar da criança. Essa postura fortalece a confiança e os laços entre a equipe de enfermagem e o paciente, o que se reflete em um atendimento mais completo e acolhedor (Mota et al., 2022).

O desempenho dos enfermeiros no cuidado à criança autista e sua família é essencial, uma vez que esses profissionais têm papel importante na socialização,

aceitação, orientação e apoio familiar (Vieira et al., 2023). Para cuidar de crianças com TEA, é imprescindível que o profissional de enfermagem demonstre aceitação e empatia, compreendendo as singularidades de cada indivíduo. A confiança mútua entre a criança e o enfermeiro é um fator determinante para a eficácia da abordagem. Cada criança com autismo é única, exigindo paciência e respeito ao seu ritmo, sem imposição de etapas desnecessárias.

A construção de uma relação sólida com a família é igualmente essencial. Nos casos de TEA, a atenção não se restringe apenas à criança, mas também se estende aos pais, que frequentemente enfrentam sentimentos de culpa e insegurança diante das dificuldades do desenvolvimento infantil. O enfermeiro, nesse sentido, exerce uma função estratégica ao oferecer orientação e apoio emocional, incentivando práticas de afeto mútuo, mesmo quando a criança apresenta limitações na expressão emocional.

Adotar uma abordagem acolhedora, livre de preconceitos e voltada à escuta ativa é fundamental para que o enfermeiro compreenda as necessidades e os desafios enfrentados pela pessoa com TEA e sua família. A observação atenta do comportamento da criança durante as consultas permite ao enfermeiro contribuir para o diagnóstico, acompanhar o seu desenvolvimento e orientar os responsáveis sobre os procedimentos de cuidado necessários (Pimenta e Amorim, 2021 apud Vieira et al., 2023).

Além disso, é fundamental que a enfermagem mantenha-se atualizada sobre o TEA, promovendo o debate e a disseminação de informações entre toda a equipe multiprofissional. Isso favorece intervenções mais eficazes e estimula o envolvimento da família no processo de cuidado. O enfermeiro pode contribuir de forma significativa para a criação de ambientes acolhedores e terapêuticos, favorecendo a autoestima e o autocuidado da criança, promovendo a inclusão social e respeitando sempre os direitos e a dignidade da pessoa com deficiência (Pimenta e Amorim, 2021 apud Vieira et al., 2023).

Por fim, os profissionais de enfermagem devem estar atentos às características e necessidades singulares de cada criança com TEA. Cabe a eles fornecer uma assistência integral e de qualidade, que conte com as múltiplas demandas de cuidado dessas crianças e de suas famílias. O enfermeiro, com sua formação voltada ao cuidado e à escuta qualificada, está capacitado para atuar ativamente também no ambiente domiciliar, contribuindo para a organização da

rotina familiar e o fortalecimento dos vínculos interpessoais.

4.3 Uso das ferramentas lúdicas em crianças com TEA e a enfermagem

As ferramentas lúdicas são recursos utilizados tanto na identificação precoce de características do Transtorno do Espectro Autista (TEA) quanto no acompanhamento terapêutico de crianças neuroatípicas. Na fase de identificação, esses instrumentos envolvem o uso de brinquedos interativos para observar comportamentos típicos do TEA, como o enfileiramento de objetos, o brincar atípico, a motricidade, a preferência por sentar em "W", além de reações diante da execução de tarefas, como saltos, movimentos repetitivos (flapping), giros em círculos, pulos contínuos e outras estereotipias motoras. Também são observados aspectos como ausência de contato visual ou motor e dificuldades na fala, como a troca de fonemas ou a ausência total da linguagem verbal.

Além de sua função diagnóstica, essas ferramentas são amplamente utilizadas em terapias conduzidas por equipes multidisciplinares compostas por fisioterapeutas, neurologistas, psicólogos, psicopedagogos, neuropsicólogos, fonoaudiólogos, nutricionistas, terapeutas ocupacionais e acompanhantes terapêuticos.

Dentre os profissionais de saúde envolvidos no cuidado à criança com TEA, o enfermeiro ocupa uma posição estratégica, sendo muitas vezes o primeiro ponto de contato com a criança e sua família. Por estar mais presente no cotidiano do paciente, cabe ao enfermeiro observar sinais e sintomas que possam indicar o transtorno, encaminhando-o, quando necessário, para avaliação de uma equipe multiprofissional (Araujo et al., 2021 apud Faustino et al., 2022).

Ademais, é responsabilidade do enfermeiro promover estratégias que incentivem a interação entre a criança e sua família, utilizando atividades lúdicas como meio de estímulo. A dança, por exemplo, tem se mostrado uma prática eficaz para fortalecer os vínculos afetivos e favorecer a socialização da criança com TEA. Nessa perspectiva, o enfermeiro também atua como educador, orientando a família e mediando o processo de adaptação às necessidades específicas da criança (Araujo et al., 2021 apud Faustino et al., 2022).

4.4 Os desafios encontrados no processo da assistência de enfermagem

A enfermagem desempenha um papel crucial na detecção precoce do Transtorno do Espectro Autista (TEA), especialmente por meio de sua atividade privativa: a consulta de enfermagem. Essa consulta tem início no acompanhamento das puérperas que levam seus recém-nascidos às consultas de puericultura. Essas consultas são de extrema importância, pois nelas são oferecidas orientações sobre aleitamento materno, vacinação e acompanhamento dos marcos do desenvolvimento infantil.

Essa avaliação deve ocorrer regularmente, conforme o calendário mínimo estabelecido pelo Ministério da Saúde, com a realização de sete consultas no primeiro ano de vida: ao nascer, no 1º, 2º, 4º, 6º, 9º e 12º mês. Essas consultas devem acontecer de forma gradual e contínua, em colaboração com os pediatras, constituindo uma estratégia de atendimento qualificado na assistência aos usuários (Bortone; Wingester, 2016 apud Faustino et al., 2022).

Os enfermeiros da atenção primária estão aptos a identificar sinais do TEA durante as consultas de puericultura, por meio de observações clínicas e relatos familiares. A partir dessas percepções, podem encaminhar os casos às equipes multiprofissionais e/ou acionar recursos da rede de atenção psicossocial, conforme a necessidade (Barbosa SC; Pereira TML, 2022 apud Nascimento et al., 2022).

A contribuição da enfermagem no diagnóstico e acompanhamento do TEA inclui também o apoio aos pais, oferecendo-lhes orientações sobre os desafios do cuidado e os procedimentos assistenciais indicados (Sena RCF et al., 2015 apud Nascimento et al., 2022).

Apesar dessa atuação relevante, ainda há obstáculos significativos: a falta de conhecimento aprofundado sobre o TEA, a formação acadêmica insuficiente, a escassez de investimentos em educação continuada, além da ausência de acompanhamento familiar e infantil desde o pré-natal. Soma-se a isso a carência de recursos essenciais para uma detecção precoce eficaz. Ademais, as altas demandas por atendimento em consultas de enfermagem e a sobrecarga da equipe multiprofissional frequentemente resultam em atrasos no acompanhamento das crianças, gerando inseguranças na prática profissional.

Portanto, para evitar negligências ou a transferência indevida de responsabilidades a outras categorias, é fundamental capacitar os enfermeiros que

atuam na Estratégia de Saúde da Família (ESF) para intervir de maneira eficaz junto às crianças com TEA.

Nesse cenário, torna-se essencial promover iniciativas de educação continuada nos serviços, voltadas ao reconhecimento, às manifestações clínicas e às abordagens adequadas para o cuidado dessas crianças. Tais iniciativas devem estimular mudanças de atitude e práticas dentro da ESF, contribuindo para a redução de estigmas e para o fortalecimento de ações de promoção da saúde mental, favorecendo um prognóstico mais positivo para a criança e oferecendo suporte qualificado aos seus familiares.

5 CONCLUSÃO

O objetivo deste estudo foi analisar as evidências científicas relacionadas à assistência de enfermagem à criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Verificou-se que a abordagem holística adotada pela equipe de enfermagem se destaca pela humanização, empatia e escuta qualificada dos profissionais, que reconhecem a importância da participação ativa dos familiares e cuidadores no cuidado dessas crianças.

Diversas estratégias são utilizadas no manejo da criança com TEA, visando resultados positivos na assistência. Entre essas estratégias, destacam-se a intervenção musical e o uso de recursos lúdicos, aplicados pelos profissionais de enfermagem como ferramentas para estimular o desenvolvimento da autonomia, da comunicação e de mudanças comportamentais, promovendo uma interação criativa e sensível.

O enfermeiro da Atenção Primária à Saúde exerce um papel essencial no diagnóstico precoce do TEA, atuando na puericultura e no acompanhamento dos marcos do desenvolvimento infantil — momento em que é possível perceber precocemente sinais de atraso no desenvolvimento. Além disso, o profissional realiza o acolhimento e implementa medidas de prevenção, proteção, recuperação e reabilitação, fortalecendo o cuidado integral à criança e à família.

É fundamental que os profissionais de enfermagem estejam atentos às necessidades específicas de cada indivíduo, oferecendo uma assistência completa e qualificada. Ao fortalecer os vínculos interpessoais e apoiar a dinâmica familiar, os enfermeiros contribuem significativamente para o bem-estar global do paciente e de

seus entes queridos. A atuação no cuidado domiciliar, por exemplo, revela a importância de sua presença constante, auxiliando na organização da rotina e no suporte necessário à continuidade do cuidado.

Entretanto, observa-se que o conhecimento da enfermagem sobre o TEA ainda é limitado, reflexo da carência de abordagem específica durante a formação acadêmica, o que pode gerar sentimentos de insegurança e despreparo diante da complexidade do cuidado a essas crianças. Assim, para garantir uma prática segura e eficaz, é indispensável a participação dos enfermeiros em programas de educação continuada. Dada a sensibilidade e os impactos que um diagnóstico equivocado pode acarretar na estrutura familiar, o aprimoramento profissional torna-se uma necessidade urgente.

Além disso, destaca-se a importância de manter a proximidade com essas famílias, utilizando, sempre que necessário, os recursos tecnológicos disponíveis para apoiar e acompanhar o cuidado mesmo à distância. Com o fortalecimento dessas práticas e a qualificação dos profissionais, a assistência prestada pela enfermagem tende a ser mais eficaz e alinhada aos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), garantindo um cuidado humanizado, integral e resolutivo.

Com base nas discussões apresentadas neste trabalho, recomenda-se que futuras pesquisas se debrucem sobre a assistência de enfermagem na atenção básica voltada para crianças com TEA. É essencial que tais investigações ampliem o olhar não apenas sobre a criança, mas também sobre seus cuidadores, promovendo o desenvolvimento de habilidades para um cuidado integral, sensível e centrado no bem-estar do núcleo familiar. Essas futuras contribuições podem enriquecer o campo da enfermagem e fortalecer as práticas voltadas ao cuidado de crianças com TEA no contexto da saúde pública.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei Federal nº 12.764/2012, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 28 dez. 2012.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm#. Acessado em: Mar. 2024.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Primária. **Definição –**

Transtorno de Espectro Autista (TEA) na criança. Brasília: DF. Disponível em: <https://linhasdecuidado.saude.gov.br/portal/transtorno-do-espectro-autista/definicao-tea/>. Acessado em: Mar. 2024.

CARVALHO, R. R. C. da S. de.; BORGES, V. F. d'Avila.; RODRIGUES, C. V. da S.; FIGUEIREDO, E. B. L. de. **Transtorno do Espectro Autista em Crianças:** Desafios para a Enfermagem na Atenção Básica à Saúde. **Epitaya E-books**, [S. I.], v. 1, n. 9, p. 102-115, 2022. DOI: 10.47879/ed.ep.2021304p102. Disponível em: <https://portal.epitaya.com.br/index.php/ebooks/article/view/245>. Acesso em: 24 mar. 2024.

EBERT, Michele; LORENZINI, Elisiane; SILVA, Eveline Franco. **Mães de crianças com transtorno autístico:** percepções e trajetórias. **Rev. Gaúcha de Enferm**, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 49-55, 2015. Disponível em: Acesso em: 19/04/2024.

FERNANDES, Conceição Santos; TOMAZELLI, Jeane; GIRIANELLI, Vania Reis. **Diagnóstico de autismo no século XXI:** evolução dos domínios nas categorizações. São Paulo: Psicologia USP, 2020, volume 31, 4 p. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pusp/a/4W4CXjDCTH7G7nGXVPk7ShK/#>>. Acesso em: 09 de abril de 2024.

FREITAS, S. C. D.; POZZEBON, B. R.; DOS SANTOS, K. P. P.; DA ROSA, A. N.; DA SILVA, F. Q.; DA CRUZ, D. B. B.; FÁVERO, W. M.; DA CRUZ, T. H. **Atuação do enfermeiro da atenção primária à saúde frente à criança com transtorno do espectro autista.** **Brazilian Journal of Development**, [S. I.], v. 9, n. 05, p. 17583–17598, 2023. DOI: 10.34117/bjdv9n5-207. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/59997>. Acesso em: 24 mar. 2024.

JERÔNIMO, Tatiane Garcia Zuchi; MAZZAIA, Maria Cristina; VIANA, Joseval Martins; CHISTOFOLINI, Denise Maria. **Assistência do enfermeiro a crianças e adolescentes com transtorno do espectro do autismo.** Acta Paul Enferm, v. 36, eAPE030832, junho de 2023.

LOPES, Olívia Cristina Alves et al. **Competências dos enfermeiros na estratégia Saúde da Família.** Rio de Janeiro: Escola Anna Nery, 2020, 6 p. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ean/a/zB5Npy99wyPDGX4jXzdNDYp/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 09 de abril de 2024.

MAENNER MJ, Shaw KA, Baio J, Washington A, Patrick M, DiRienzo M, et al. **Prevalência do Transtorno do Espectro do Autismo entre Crianças de 8 Anos.** Rede de Monitoramento de Autismo e Deficiências de Desenvolvimento, 11 locais, Estados Unidos, 2016. MMWR Surv Sum. Disponível em: <https://doi.org/10.15585/mmwr.ss6904a1>. Acesso em: 11 de abril de 2024.

MAGALHÃES, J. M., Viana Lima, F. S., de Oliveira Silva, F. R., Mendes Rodrigues, A. B., & Gomes, A. V. (2020). **Assistência de enfermagem à criança autista:** revisão integrativa. **Enfermería Global**, 19(2), 531–559. Disponível em: <<https://doi.org/10.6018/eglobal.356741>>. Acesso em: 19/04/2024.

MOTA, Mariane Victória da Silva et al. **Contribuições da enfermagem na assistência à criança com transtorno do espectro autista: uma revisão da literatura.** *Revista Baiana de Saúde Pública*, v. 46, n. 3, p. 314-326, 2022.

NASCIMENTO A. dos S.; Gomes A. M.; Santos B. C. da C.; Neves W. C.; Barbosa J. de S. P. **Atuação do Enfermeiro na assistência à criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma revisão integrativa.** *Revista Eletrônica Acervo Enfermagem*, v. 19, p. e10523, 7 jul. 2022.

SOUZA, A. P. de; OLIVEIRA, B. K. F. de; ALBUQUERQUE, F. H. S.; SILVA, M. A. da; ROLIM, K. M. C.; FERNANDES, H. I. V. M.; SANTOS, M. S. N. dos; MAGALHÃES, F. J.; PINHEIRO, M. C. D. **Assistência de enfermagem ao portador de autismo infantil: uma revisão integrativa / Assistance nursing to infantile autism carrier: an integrated review.** *Brazilian Journal of Health Review, [S. I.]*, v. 3, n. 2, p. 2874–2886, 2020. DOI: 10.34119/bjhrv3n2-130. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/8552>. Acesso em: 23 mar. 2024.

OLIVEIRA, Karina Griesi; SERTIÉ, Andréa Laurato. **Transtornos do espectro autista: um guia atualizado para aconselhamento genético.** São Paulo: Revendo Ciências Básicas, 2017. 1 p. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/eins/a/YMg4cNph3j7wfttqmKzYsst/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 09 de abril de 2024.

RIBAS, LB; Alves, M. **O Cuidado de Enfermagem a criança com transtorno do espectro autista: um desafio no cotidiano.** *Revista Pró-UniverSUS*. 2020 jan./jun.; 11 (1): 74-79.
SIMÃO, DA da S.; MOUTINHO, LAA; DA SILVA, TMR; MANZO, BF; VIEIRA, EWR. **Evidências sobre a assistência à criança com transtorno do espectro do autismo na atenção primária à saúde: Revisão integrativa.** *Revista Contemporânea, [S. I.]*, v. 9, pág. 14688–14711, 2023. DOI: 10.56083/RCV3N9-067. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/1196>. Acesso em: 24 mar. 2024.

VIEIRA, T. A.; SOARES, M. H. **Assistência de enfermagem ao cuidado com crianças autistas: revisão integrativa.** *Research, Society and Development, [S. I.]*, v. 12, n. 5, p. e22612541735, 2023. DOI: 10.33448/rsd-v12i5.41735. Disponível em: <https://rsdjurnal.org/index.php/rsd/article/view/41735>. Acesso em: 24 mar. 2024.